

GEÓRGICAS 2.490-542 E A PARADOXAL AGRICULTURA

Liebert Abreu Muniz

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

liebert.muniz@ufersa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2534-2029>

RESUMO

A matéria agrária das *Geórgicas* insere o segundo poema de Virgílio, composto em ca. 37-30 a.C., entre os textos técnicos latinos. Filiado à tradição hesiódica, o poema traz o tripé característico do gênero: o mestre, a matéria e o discípulo. Além disso, o momento histórico em que o poema foi composto é propício a rupturas na leitura linear da transmissão de uma matéria técnica. Ao final do Livro 1, o poema revela um mundo caótico, de guerras civis e assassinatos; o Livro 2 paradoxalmente provoca uma notável mudança de espírito: o mundo caótico dá lugar à alegria proporcionada por Baco e às colheitas fartas. Esse tratamento paradoxal parece provocar distensões nessa matéria e parece preparar o espaço para que Virgílio reflita sobre a Roma de seu tempo, do ponto de vista político e filosófico. A expressividade da linguagem poética é mais um fator que incide sobre as ambiguidades do poema, criando a imagem de que o campo dramatiza a existência humana.

Palavras-chave: *Geórgicas*; campo; linguagem; paradoxo.

ABSTRACT

The agrarian matter of the *Georgics* inserts Virgil's second poem, composed in ca. 37-30 BC, among Latin technical texts. Affiliated to the Hesiodic tradition, the poem presents the characteristic triad of the genre: the master, the matter, and the disciple. In addition, the historical moment in which the poem was composed is conducive to ruptures in the linear reading of the transmission of a technical subject. At the end of Book 1, the poem shows a chaotic world of civil war and murder; Book 2 paradoxically brings about a remarkable change of spirit: the chaotic world gives way to the joy provided by Bacchus and the bountiful harvests. This paradoxical treatment seems to provoke tensions in this matter and seems to prepare the space for Virgil to reflect on the Rome of his time, from a political and philosophical point of view. The expressiveness of poetic language is another factor that affects the ambiguities of the poem, creating the image of the field as a drama of human existence.

Keywords: *Georgics*; field; language; paradox.

1 INTRODUÇÃO

Na proposição metapoética das *Geórgicas*, 1.1-7, o segundo Livro dedica-se a apresentar o modo mais apropriado para jungir as vinhas aos olmos¹, sendo o mesmo Livro dedicado a Baco², o deus do vinho, do teatro e da fertilidade.

É possível perceber uma mudança de espírito: ela vem construída num entrecruzamento de sentidos históricos, sociais e textuais que criam um paralelo entre um mundo caótico do Livro 1 em relação ao mundo fértil do Livro 2. Dito de outro modo, o cultivo do campo e sua natural fertilidade – para muito além de uma camada de detalhes técnicos da linguagem campesina – parecem simbolizar uma mudança de espírito de outro campo, menos técnico e mais profundo: a alegria proporcionada pelo vinho,³ a fartura advinda das colheitas, o entretenimento promovido pelas representações dramáticas e as ordens de Mecenas.

Dos versos finais do Livro 1 à abertura e ao argumento do Livro 2 – como característico no poema virgiliano – é possível notar a mudança de ânimo: naquele, a morte de César é apontada como o motivo para o caos instalado em razão das guerras civis (*G.*1.465-514), Roma é encenada em decadência.⁴

¹ Principalmente os v. 2-3: ...*Maecenas, ulmisque adiungere uites,/ conueniat...* Esse resumo parece ecoar em algumas fontes: *Schol. Bern.*: *hic liber 'consitus' dicitur, ubi de uitibus tractatur* (“este Livro é chamado ‘o que é plantado’, porque trata das vinhas”); “o tema do Livro 2 é a cultura das árvores, especialmente da vinha” (CONINGTON & NETTLESHIP, 1881, p. 216; WILLIAMS, 2001, p. 157).

² Em Roma, literariamente, a representação de Baco vem associada à poesia, ao lado de Apolo e das Musas. Politicamente, a figura do deus pode adquirir outra dimensão. Alden Smith (2007, p. 52-86) faz uma interessante leitura da reabilitação de Baco nas *G.* A figura desse deus vinculou-se a algumas personalidades políticas, mormente Marco Antônio. Smith sugere que a imagem do deus ficou manchada com o estilo de vida demasiadamente desregada de Antônio; como descreve Plutarco, *Vit. Ant.* 60. Na *A.* 6.791-805, o deus é descrito como um símbolo da natureza e do poder, que anui ao novo regime de Augusto e, em razão disso, sugere Smith, Baco serve como um exemplo otimista do novo regime. Entre a imagem divina desgastada com sua associação a Antônio e a *A.* 6, Virgílio parece promover uma restauração da imagem do deus ao longo das *G.* 2, 3 e 4, com destaque ao último livro, em que as referências ao vinho e à sociedade das abelhas, metaforizando cachos de uva (*G.* 4.555-8), sugerem o poder do deus (do vinho) para estabelecer uma transformação social.

³ A alegria do Livro 2 é contrastada com o pessimismo do Livro 1, que até então vinha sendo cantado (*Hactenus*); Baco domina a cena: a vindima, a pisa das uvas, o mosto até os limites da sobriedade.

⁴ Nas expressivas palavras de Michael Putnam (1979, p. 82) na introdução ao comentário ao Livro 2: “The first *georgic* ends in chaos. There exists reason neither in nature nor in man’s works. The sun’s black inconsistency is a mirror of our dealings with each other. The symbol of constancy in the heavens behaves extraordinarily when we kill a Caesar. In nature we find an image of ourselves.” [A primeira *Geórgica* termina em caos. Não há razão na natureza nem nas ações humanas. A inconsistência obscura do sol é um espelho de nossas relações com os outros. O símbolo da constância nos céus comporta-se de modo extraordinário quando nós matamos

O assassinato de César – historicamente um fato bastante recente na memória do público do poema⁵ – vem ecoado através de uma alusão mítica a uma idade de ferro, como registrado na poesia hesiódica (*Op.* 106-201).

O Livro 2, por sua vez, abre-se com um proêmio a Baco (v. 1-8) – invocado na anáfora do epíteto “ó pai Leneu” (v. 4 e v. 7, do grego ληνός numa referência à ‘prensa da uva’)⁶ – e constrói textualmente um novo estado:

*Hactenus aruorum cultus et sidera caeli;
nunc te, Bacche, canam, nec non siluestria tecum
uirgulta et prolem tarde crescentis oliuae.
huc, pater o Lenaeae (tuis hic omnia plena
muneribus, tibi pampineo grauidus autumnno* 5
*floret ager, spumat plenis uindemia labris),
huc, pater o Lenaeae, ueni nudataque musto
tinge nouo mecum dereptis crura coturnis.*

um César. Na natureza nós encontramos uma imagem de nós mesmos.] O mesmo estudioso, em contraste, considera o Livro 2 o mais positivo, otimista, dos quatro.

⁵ Júlio César foi morto nos Idos (15) de março de 44 a.C. em plena Cúria romana. A despeito da popularidade de César, o ambiente em Roma era de incertezas políticas e sociais; as guerras civis, em grande parte, resultaram dos conflitos entre o próprio César e Pompeu. As ambições políticas daquele eram desconhecidas e, em consequência, era crescente o receio de seus adversários políticos. A morte de César, no entanto, não parece ter trazido o alívio a essas incertezas. Vale lembrar uma imagem histórico-política presente na *A.* 6.817-23. Na descrição dos heróis da linhagem de Eneias, Anquises lista Lúcio Bruto imediatamente após os lendários reis Tarquínios (v. 817-8: *uis et Tarquinius reges animamque superbam/ ultoris Bruti fascesque uidere receptos*: “Queres ver os Tarquínios reis, o espírito soberbo e os feixes recebidos do restaurador Bruto?”). Um passo notavelmente paradoxal (introduzido por uma pergunta que impõe energia, sugerindo um contraste com César, conforme nota Horsfall, 2013, p. 556-7) e ambíguo (*cf.* THOMAS, R. F. 2004, p. 211-13, que atribui *animamque superbam* a Bruto e não aos reis Tarquínios, como sugere Sérvio). Lúcio Bruto ficou conhecido por ter enfrentado Tarquínio Soberbo e por ser um dos primeiros cônsules romanos (509 a.C.), figurando, assim, como um símbolo republicano, como a imagem dos feixes sugere. Um espelho desse contraste e dessa ambiguidade se estabelece entre Júlio César e o descendente de Lúcio Bruto, Marcos Bruto (*c.* 85-42 a.C.), que também manteve a imagem de seu antepassado associada à luta contra a tirania – por volta de 55 a.C., ele cunhou moedas com a imagem da deusa *Libertas* e de seu antepassado. Curiosamente, em 43-2 a.C., depois de ter recebido do senado o *imperium maius* no Ocidente junto com Gaio Cássio Longino, cunhou sua própria imagem em moedas de ouro (*cf.* Ernst Badian ‘Iunius Brutus (2), Marcus’ in HORNBLLOWER, S; SPAWFORTH, A.; EIDINOW, E. (Eds.), 2012, p. 765-6).

⁶ Uma nota etimológica já assinalada por Sérvio, comentando o v. 4: *Lenaeus autem ἄπο τῆς ληνῶς dicitur, id est a lacu: nam quod Donatus dicit ab eo, quod mentem deleniat, non procedit; nec enim potest Graecum nomen Latinam etymologiam recipere* (“Diz-se, porém, que Leneu vem de ληνός, ou seja, da tina de vinho: quanto ao que diz Donato a respeito, que abranda [*deleniat*] a mente, não procede, pois um nome grego não pode receber uma etimologia latina.”). James O’Hara (1996, p. 266) sugere que Virgílio parece ter feito uma glosa etimológica em *plenis uindemia labris*, “a vindima transborda de tonéis cheios”; Sérvio parece ter percebido a glosa etimológica, sugere O’Hara, uma vez que nega a sugestão de Donato.

Até aqui cantamos o cultivo de árvores e os astros do céu;
 agora a ti, Baco, cantarei, não só contigo os silvestres
 ramos mas a prole demorada de crescente oliveira.
 Aqui, ó pai Leneu (aqui tudo está cheio de tuas
 dádivas, a ti floresce ao palustre outono o prenhe
 campo, e espuma a vindima em tonéis cheios),
 aqui, ó pai Leneu, vem e a meus pés, com mosto
 novo, nus tinge, depostos os coturnos.⁷

5

Nos versos seguintes (v. 9-34), o poema descreve a natureza variada das árvores: algumas nascem espontaneamente (*sponte sua*), umas na raiz de outras árvores e outras brotam por métodos empregados pelo agricultor.⁸ No trecho seguinte (v. 35-46) – que para Mynors (1994, p. 105-6) deve ser tratado como um segundo proêmio –, há uma mudança na interlocução: o destinatário não é mais o camponês, mas o próprio patrono da poesia augustana, Mecenas,⁹ o braço direito de César:

Quare agite o proprios generatim discite cultus, 35
agricolae, fructusque feros mollite colendo,
neu segnes iaceant terrae. iuuat Ismara Baccho
conserere atque olea magnum uestire Taburnum.
tuque ades inceptumque una decurre laborem,
o decus, o famae merito pars maxima nostrae, 40
Maecenas, pelagoque uolans da uela patenti.
non ego cuncta meis amplecti uersibus opto,
non, mihi si linguae centum sint oraque centum,
ferrea uox. ades et primi lege litoris oram;
in manibus terrae: non hic te carmine ficto 45
atque per ambages et longa exorsa tenebo.

Assim agi, ó agrícolas, aprendei os cultivos próprios 35
 a cada gênero, e os frutos feros abrandai no cultivo,
 e que não fique ociosa a terra. É útil semear o Ísmaro¹⁰

⁷ Todas as traduções, excetuando-se as indicadas, são de nossa autoria.

⁸ A crítica do poema (e.g. MYNORS, 1994, p. 101-2) aceita que *A História das Plantas* e *Sobre as Causas das Plantas*, ambas de Teofrasto de Ereso (ca. 372-287 a.C.), discípulo de Aristóteles, são aludidas nesses versos.

⁹ Mecenas, por contraste com o camponês, mas à semelhança de Baco, é endereçado por seu louvor e comando (PUTNAM, 1979, p. 88); Segundo Thomas (1990, p. 162), Virgílio passa do seu endereçado didático para o seu patrono.

¹⁰ Referência a uma montanha ao sul da Trácia (TALBERT, R. J. A.; BAGNALL, R. S., 2000, p. 772, map. 51); na *Od.* 9.39-40, território dos Cíconos saqueado por Ulisses na sua primeira parada, conforme sua própria narrativa, após o saque de Troia. O agradável vinho Ísmaro levado por Ulisses dos Cíconos é depois usado para abrandar Polifemo (*Od.* 9.196ss). Para Williams (2001, p. 159), a passagem das *G.* deve ser lida como uma reminiscência de Homero. Nas *E.* (6.30), há uma conexão com os cultos órficos e dionísíacos (cf. Glenn Lacki, 'Ismara', in THOMAS, R. F. and ZIOLKOWSKI, J. M., 2014).

com Baco e vestir o grande Taburno¹¹ com a oliveira.
 Sê tu presente, e conclui de uma vez o labor iniciado,
 ó encanto,¹² ó máxima porção merecida de nossa fama, 40
 Mecenas, voando pelo vasto mar, faze-te à vela.
 Eu não ensejo abraçar tudo com meus versos, não,
 ainda que eu tivesse cem línguas e cem bocas, ou férrea
 voz. Sê presente e navega junto à costa de prima praia;
 à mão-tenente, não te deterei aqui com o canto, 45
 nem me demorarei entre rodeios e longos exórdios.

O excerto traz um diálogo com o camponês que precisa entender os diferentes cultivos, cada um segundo seu gênero (*generatim*). Subitamente, Mecenas é evocado; ele é o encanto (*decus*) da fama do poeta e ao mesmo tempo um general ocupado com os afazeres da vida pública e da guerra. Então, nos v. 42-3, Virgílio serve-se da tópica das “muitas bocas”, criando produtivas conexões intertextuais. Essa tópica está presente na *Il.* 2.488-90,¹³ a passagem, por assim dizer, fundadora dessa tópica. Na *Il.*, o poeta grego, não sendo capaz de enumerar o grande exército helênico, ainda que tivesse dez línguas e dez bocas, pede ajuda à Musa.

Richard Thomas (1990, p. 163-4), em comentário à mesma tópica presente na *A.* 6.625-7,¹⁴ sugere que os versos das *G.*, que também evocam a Ênio, *Ann.* 469-70,¹⁵ estabelecem uma diferença entre uma potencialidade e um desejo: em Homero a potencialidade é “real” com o auxílio das Musas, em

¹¹ Monte Taburno, situado entre os limites de Campânia e Sâmnio, a aproximadamente 40 km ao nordeste de Nápoles, e separado do Monte Apenino pelo rio Calor (TALBERT, R. J. A.; BAGNALL, R. S., 2000, p. 643, map. 44).

¹² Em latim, *decus*, “decoro, glória, ornato ou beleza”, termo mais apropriado ao universo retórico, aplicado à justeza do discurso; aqui, como em Horácio *Odes.* 1.1.2, 2.17.4 e Propércio 2.1.74, aplicado a uma pessoa (cf. *OLD* 3; *TLL* 5.1.243.6ss).

¹³ πληθὺν δ' οὐκ ἀνέγώμισθησομαι οὐδ' ὀνομήνω / οὐδ' εἰ μοι δέκα μὲν γλῶσσαι δέκα δὲ στόματ' εἶεν | φωνὴ δ' ἄρρηκτος, χάλκεον δέ μοι ἦτορ ἐνεῖη (“Da multidão não direi coisa alguma nem mesmo os seus nomes | nem que tivesse dez bocas e dez também línguas tivesse | voz incansável e forte e de bronze infrangível o peito”). Tradução de Carlos Alberto Nunes (2001).

¹⁴ *Non mihi si linguae centum sint oraque centum, / ferrea uox, omnis scelerum comprehendere formas, / omnia poenarum percurrere nomina possint* (“Ainda que eu tivesse cem línguas e cem bocas / e uma voz férrea, eu não poderia abarcar todos os tipos / de crimes e percorrer todos os nomes de castigos”).

¹⁵ Vale lembrar que o estado fragmentário do texto de Ênio é um fator complicador para a análise de múltiplas referências. Assim, Thomas cita os versos fragmentados – falta a apódose – restaurados por Otto Skutsch (2003): *non si, lingua loquis aperet quibus, ora decem sint, / innumerum, ferro cor sit petusquere uinctum* (“ainda que houvesse dez bocas, pelas quais a língua pudesse falar / o incontável, o coração e o peito fossem atados com ferro”). Os *Schol. Bern.*, na glosa ao v. 43, reconheciam o diálogo com Ênio, dizendo que o verso é de *Homerius sensus; sic etiam Ennius: 'ora decem'.*

Virgílio há apenas o desejo de não gastar em demasia o tempo de Mecenas. Thomas destaca muito bem: Virgílio parece fundir dois modelos, o homérico e o eniano, trazendo à baila a essência da estética alexandrina; nas palavras do estudioso (*op. cit.*, p. 164), o poeta “converteu o lugar-comum homérico em uma peça de poética calimaquiiana”. A anáfora presente em Homero (δέκα... δέκα) ocorre em Virgílio, mas o poeta latino eleva o número para cem (*centum... centum*), tanto nas *G.* 2 como na *A.* 6.

A presença de Homero e de Ênio na tópica permite a confluência de pelo menos dois modelos; tomando de empréstimo uma expressão de Richard Thomas (1999, p. 102), “uma multiplicidade de referências” vem marcada na tópica das muitas bocas. Como nota o estudioso (*op. cit.* p. 106), Virgílio consegue combinar com maestria uma multiplicidade de fontes e modelos literários, deixando os vestígios do mais refinado alexandrinismo na poesia latina.

Salta aos olhos um uso estético e intertextual da tópica das muitas bocas. Ao que parece, em acréscimo, essa tópica encapsula pontos importantes do Livro 2 das *G.*: é justamente nela que vemos o momento de mudança na interlocução, do *agricola* para Mecenas (v. 39). A expressão *tuque ades* do v. 39 traz uma reminiscência ao Livro 1 das *G.*, v. 24 (*tuque adeo*), na mesma posição de abertura do hexâmetro. Semelhanças e diferenças entre as passagens surgem de imediato: a) em ambas as passagens, o *tu* parece acionar uma das instâncias do tripé da poesia didática, no Livro 1, o pronome refere-se César, no Livro 2, a Mecenas; b) ambas as figuras são centrais na política e na propaganda do novo regime, um é a cabeça e o fiador de todo o império, o outro é o general de confiança, o braço direito, o patrono da propaganda; c) a aparição de César no começo do Livro I aponta para sua natureza divina, a questão é de qual conselho dos deuses César tomará parte, do da terra, do dos mares ou do dos céus; quanto a Mecenas, a despeito da posição de destaque, lhe resta a condição de mortal, o *decus* da fama do poeta, mas um general dedicado à sua função; d) a menção a César ocorre no final da longa invocação do Livro I, v. 5-42, com traço de louvor a uma figura entre os deuses, a ele o poeta pede anuência e fácil curso de seu canto, a ele o poeta dedica seus votos; a menção a Mecenas se dá no âmbito do labor, do trabalho (*inceptumque una decurrit laborem*); Mecenas não tem tempo para rodeios e ficções poéticas, ele se dedica à tarefa de cruzar o mar; logo o poeta, ainda que tivesse cem línguas, cem bocas e uma voz férrea, não deseja gastar o tempo do patrono.

Parece haver uma conexão contrastiva entre os dois primeiros livros, o Livro I termina caótico em razão da desordem cósmica decorrente do assassinato de César. A mudança de espírito no Livro 2 encontra na mudança de interlocução – do *agricola* a Mecenas – e na tópica das cem bocas o ponto de convergência: pelo labor é possível reordenar o cosmo, encontrar na natureza bem-aventuranças e felicidade.

2 NO CAMPO DA LINGUAGEM

A linguagem campesina, parte constitutiva do poema, convida a diferentes leituras: o campo parece metaforizar o mítico, o literário,¹⁶ o social, o político e o histórico. O campo serve de palco: a natureza dramatiza a existência humana.

Nos versos seguintes, vemos o poema descrever os métodos de enxerto (v.47-82), os diferentes tipos de cultivos e de plantas (v.83-88), sobretudo, as vinhas e os diversos tipos de vinhos produzidos por cada uma (v.89-108), e ainda as características típicas do cultivo de cada país ou região (v.109-135). Nos versos 136-176, há um entusiasmado louvor às terras italianas, passagem conhecida como *Laudes Italiae*, decerto título tomado ao v. 138 (*laudibus Italiae certent...*) e em conformidade com a crítica serviana.¹⁷ Trata-se de uma digressão que divide a opinião dos comentadores modernos. Há quem leia o louvor por um tom mais positivo, otimista, como R. A. B. Mynors (1994, p. 119-125),¹⁸ e há quem leia por um tom mais pessimista, como Richard Thomas (1990, p. 179-190).¹⁹ Há também quem considere que os dois tons

¹⁶ Particularmente interessante é o recente artigo de John Henkel (2014, p. 33-66). Nesse estudo, a linguagem técnica do cultivo de plantas dos versos 9-82 das *G. 2* é estudada pela perspectiva de uma alegoria metapoética.

¹⁷ *Serv. ad geor.* 2.136: *Iam incipit laus Italiae, quam exsequitur secundum praeceptar hetorica: nam dicit eam et habere bona omnia et carere malis uniuersis* (“Agora começa o louvor à Itália, que se faz segundo preceitos retóricos, pois ele diz que ela [a Itália] tem todos os bens e carece dos males universais”). Lembra-nos Mynors (1994, p. 119) que discursos laudatórios a cidades foram parte de uma temática retórica e poética relativamente frequente na antiguidade: entre os retóricos, por exemplo, Quintiliano (*Inst.* 3.7.26-7) reconhece esses discursos como uma espécie do gênero epidíctico; entre os poetas foram empregados por Homero em *Od.* 13.242-9, louvor a Ítaca, *Od.* 15.403-14, louvor à Síria; por Sófocles, *Édipo em Colono* 668-719, louvor a Atenas; na prosa latina, por Varrão, *Rust.* 1.2.3-6, que também escreve um louvor à Itália; por Vitruvius, *De Arch.* 6.1.10-11, um louvor ao povo romano; por Plínio, *NH* 3.39-42, 37.201-2, um louvor à cidade de Roma; na poesia, além de Virgílio, por Propércio, 3.22.17-42, que também compõe um famoso elogio à Itália. Ademais, a passagem poderia ser discutida à luz da etnografia antiga.

¹⁸ Mynors (1994, p. 119) parece crer num profundo envolvimento do poeta com o louvor à natureza italiana, num tom um tanto patriótico, ascendendo a um elogio em que passado, presente e futuro se fundem.

¹⁹ Thomas argumenta que, em poesia, os exemplos de louvor a cidades sugerem tradicionalmente lugares utópicos. Trata-se, corroborando Sérvio, de um exercício retórico. Toda a passagem nos remete para uma ficção muito dificilmente laudatória. Para ele, os leitores estariam diante de um mundo romano de conflitos, de distorções e de ambiguidades. Nessa digressão, segundo Thomas, é preciso ter em mente a ideia do *labor*, que percorre o poema como um todo. Nesse sentido, A Idade de Ouro, uma *Saturnia tellus*, é extremamente irônica. O *labor* pertence à Idade de Prata, a idade do trabalho agrícola, das lutas pelo poder, das cidades portentosamente construídas.

subsistam, como Christopher Nappa (2005, p. 78-85)²⁰ e Matheus Trevizam (2010, p. 135-43).²¹

Os demais versos do Livro voltam aos temas estritamente relacionados à agricultura: os tipos de solo e como distingui-los (v. 177-258), o plantio de vinhedo (v. 259-396), a manutenção do vinhedo (v. 397-419), o cultivo das olivas e de outras árvores. Dos v. 458 a 540, uma das mais célebres passagens das *G.*: o poema agora numa perspectiva mais contemplativa, mais filosófica, discorre sobre os benefícios da vida rústica.

Permitam-nos uma retomada de outro aspecto paradoxal presente no poema à luz dos versos finais do Livro 2. A relação entre o *DRN* de Lucrécio – muito presente ao final do Livro 2 – e as *G.* é imediata: ambos os poemas foram os mais bem sucedidos representantes da tradição hesiódica, didática e hexamétrica. Se o condicionamento do poema lucreciano parece mais engajado com questões estritamente filosóficas, com a teoria atomista, com os princípios epicuristas e com a crítica à religião, o poema virgiliano, por sua vez, se insere em um contexto consistentemente político, ideológico. As presenças de César Augusto e do promotor das políticas imperiais, a saber, Mecenas, fazem das *G.* um espécime singular da poesia augustana. No arcabouço ideológico, a revalorização do campo e da agricultura formaria um programa que de algum modo justificasse o fim da república; e a moralidade romana apresentada pela retomada de antigos valores da rusticidade descreveria o modelo ético exigido aos cidadãos.

Em tal condicionamento, as *G.*, como nos lembra Alessandro Perutelli (2010, p. 309ss), operam com dois níveis didáticos: o primeiro deles, no nível superficial, dirigido aos *agricolae*; o segundo, no nível profundo, é voltado para a constituição de uma nova moral. Os elementos característicos da

²⁰ Para Nappa, as *Laudes Italiae* encontram lugar na história real de Roma. No entanto, a leitura positiva ou otimista é apenas uma primeira camada, que poderia levar os receptores romanos a um sentimento de patriotismo após a batalha de Ácio, em 31 a.C., batalha em que Otávio venceu Cleópatra e Marco Antônio. Uma segunda camada pode ser percebida: a passagem, enquanto peça retórica, pode revelar um exagero, uma ironia. Vale a pena o confronto com a leitura da ironia na análise de David Quint (1993, p. 21-46) da descrição da batalha de Ácio no escudo de Eneias (*A.* 8.675-728). Parece haver uma ideologia imperial por trás da descrição do escudo. Como nas *G.* 2.136-76, a propaganda augustana é feita pelo contraste com o oriente. No cotejo entre as passagens da *A.* e das *G.*, é interessante notar que os adjetivos positivos aplicados à geografia oriental (*ditissima*, *pulcher*, *pinguis*) não aparecem na descrição do escudo. Nesse sentido, seguindo a interpretação de Nappa, parece que se acentua a sensação de exagero ou ironia da construção retórica da passagem das *G.*

²¹ Trevizam, que coteja as *Laudes Italiae* de Virgílio com as de Varrão (*Rust.* 1.2.3-8), lança um problema que se coaduna com a leitura de Nappa, a saber, a *laudatio* nas *G.* parece disfarçar uma *uituperatio* (Trevizam pondera os efeitos retóricos a partir do postulado da *Rhet. Her.* 3.6.10). A linguagem hiperbólica apoia a hipótese de uma sutil ironia no louvor, fazendo do tom otimista “uma camada superficial” (*op. cit.* p. 142).

chamada poesia didática passam a ser vistos paradoxalmente. O destinatário, o *discipulus*, no nível superficial, pode ser representado por alguém interessado na matéria agrícola. No entanto, considerando-se que, ao longo de todo o poema, o *discipulus* ora é o *agricola*, ora é Mecenas, é preciso ter em vista que o destinatário pode ser uma instância consideravelmente vasta, uma instância sem rosto definido.

*O fortunatos nimium, sua si bona norint,
agricolas! quibus ipsa procul discordibus armis
fundit humo facilem uictum iustissima tellus* 460

Ó mui **afortunados** agrícolas, se conhecessem suas vantagens! A eles, ela própria, longe das discordes armas, deita ao chão fácil alimento a justíssima terra. 460

O v. 458 abre o contraste entre vida campesina, com suas vantagens (*sua... bona*), e a vida urbana, com seus males (*discordibus armis*), na esteira do comentário de Sérvio ao segundo hemistíquio do v. 459: *longe a ciuitatibus plenis iurgio et rapinis* (“distante das cidades eivadas de contenda e pilhagens”). A interjeição *O* com o acusativo exclamativo (*O fortunatos*) ocorre somente neste verso em Virgílio (THOMAS, 1998, p. 245), uma exclamação entusiasmada com a condição mesma do *agricola*, entusiasmo este entendido pelo que a tradição convencionou chamar de um *makarismós*, a primeira de três ocorrências, ao final do Livro 2, de adjetivos que marcam a ideia de felicidade (v. 458, *fortunatos*; v. 490, *felix*; v. 493, *fortunatus*). A terra, para quem conhece esse pleno estado de felicidade, é muito justa (*iustissima*): como numa idade de ouro, satúrnica, – uma cena comum nas composições didáticas – o alimento é dado espontaneamente.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas 490
atque metus omnis et inexorabile fatum
subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari;
fortunatus et ille deos qui nouit agrestis,
Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores:
illum non populi fascēs, non purpura regum 495
flexit et infidos agitans discordia fratres,
aut coniurato descendens Dacus ab Histro,
non res Romanae perituraeque regna, neque ille
aut doluit miserans inopem aut inuidit habenti.

Feliz aquele que pôde conhecer as causas das coisas e tanto todos os medos como o inexorável destino e o estrépito do avaro Aqueronte **calcou com os pés**: **feliz** também aquele que conheceu os deuses agrestes Pã, o velho Silvano, e as ninfas irmãs. 490

a ele nem magotes de gente, nem a púrpura dos reis
dissuadiu e a discórdia que subleva irmãos desleais,
ou Dacos descendo do Istro²² conjurado,
nem questões romanas e reinos a perecer; ele nem
padecendo privação afligiu-se ou invejou a quem tem.

A felicidade campesina é colocada em versos de difícil interpretação. A passagem é reconhecida pela crítica como um intertexto lucreciano. O *DRN* textualmente se faz presente (*rerum cognoscere causas*, *DRN* 3.1072: *naturam... cognoscere rerum*), mormente pelo princípio epicurista do vencer todos os medos, o do destino e, em específico, aquele da morte. No célebre “Elogio a Epicuro” do primeiro Livro, *DRN* 1.62-79, o filósofo grego recebe a primazia de ter lançado luz aos temores provocados pela *religio*; e ele, Epicuro, figura como quem pôs a religião aos seus pés (v. 78-9, *quare religio pedibus subiecta uicissim/ obteritur*. “E por sua vez, a religião sob os pés é submetida / é esmagada”²³). O proêmio ao Livro 3, v.1-30, traz outro Elogio a Epicuro e, na sequência, v. 31-93, outra apresentação sobre o superar o temor da morte: a explicação, em verso, para a natureza do ânimo e da *anima* ajuda a *metus ille foras praeceps Acheruntis agendus* (“afastar pra bem longe esse medo do fundo do Aqueronte”).

3 O CAMPO DOS PARADOXOS TÉCNICOS

A associação aos princípios epicuristas em Lucrécio²⁴ compõe uma reminiscência natural aos versos citados. Em conhecido artigo, Pierre Grimal (1980, p. 51-66) forma um posicionamento contrário à interpretação de Pierre Boyancé segundo a qual o final do Livro 2 das *G.* demonstra traços mais marcantes de um pitagorismo do que de princípios epicuristas. Grimal, por sua vez, a despeito da ausência de uma demonstração do sistema filosófico de

²² O curso mais baixo do rio Danúbio, entre a Dácia e a Mésia (cf. TALBERT, R. J. A.; BAGNALL, R. S. et al., 2000, p. 311, map. 21 E5). Em comentário ao verso 497, Mynors (1994, p. 170) lembra que os Dácios aliaram-se a Antônio contra Otávio e, após a Batalha de Ácio, continuaram a causar problemas aos romanos. Como em *G.* 1.509, na menção ao rio estrangeiro Eufrates, nas *G.* 2, “o Istro conjurado” metaforiza as tribos que conspiraram contra Roma.

²³ As traduções do *DRN* são de Rodrigo Tadeu Gonçalves (2021).

²⁴ A presença do epicurismo na poesia de Virgílio é mais um tópico de tensão e ambiguidade. Em sentido amplo, as alusões a autores epicuristas como Lucrécio não implicam uma associação automática à corrente filosófica. As opiniões são diversas: Philip Hardie (1986, p. 6-22) considera que as alusões a Lucrécio nas *G.* e *A.* refutam ideias epicuristas; o oposto também é verdadeiro, e a alusões lucreciana parecem operar como uma deferência ao epicurismo (GRIMAL, 1980).

Epicuro no poema virgiliano, entende que as *G.* estão muito mais ligadas ao modo do pensamento epicurista, escola a que o mantuano teve acesso quando de sua juventude. Em síntese, se para Boyancé tais versos configuram um problema para o epicurismo (a alusão à idade de ouro, o louvor aos deuses agrestes e a própria linguagem poética), para Grimal eles revelam a coloração da visão poética de Virgílio; dito de outro modo: as ideias que parecem criar problemas para uma leitura da doutrina epicurista presente no poema, na verdade, servem de estribo para a valorização do jogo da linguagem, das tensões, da polissemia e da criatividade do poeta.

Nada muito diferente do que fizera o próprio Lucrecio. A crítica lucreciana dedicou considerável tempo a explicar as tensões e as incongruências do *DRN* em relação à própria poesia e ao modo como o poeta une o pensamento epicurista e a crítica à religião aos louvores às figuras divinas, mormente como ocorre no proêmio com a invocação à deusa Vênus (1.1-49). O proêmio do *DRN* é uma peça singular de demonstração oratória: Lucrecio congrega doutrina epicurista com poesia, fazendo uso de linguagem retórica técnica e refinada. Eis o grande desafio do poeta epicurista: unir com eficácia o tema filosófico à expressividade poética. Evoco Alessandro Perutelli (2010, p. 305-6) novamente para nossa discussão. Argumenta o estudioso:

Aquilo que na realidade cria a maior tensão expressiva é o objeto inderrogável que compete ao texto de demonstrar verdadeira a doutrina de Epicuro e de desenvolver em seu favor uma ação psicagógica. É a tarefa diante da qual emerge a insuficiência da língua poética, pelo que se pode dizer em outra perspectiva que o grande empenho profuso na ação propagandística gera a tensão expressiva lucreciana. Apurada a inadequação do patrimônio linguístico poético, era oportuno voltar-se a outro âmbito, aquele próprio da técnica retórica da persuasão. (...) Por outro lado, [as interpretações] não levam em consideração o papel específico atribuído no âmbito da função suasória às partes “irracionais”, um elemento fundamental de sugestão para o destinatário, que por estas (mais do que pelas seções puramente científicas) se vê conquistado ao fascínio da nova doutrina.

Quanto ao poema virgiliano, as tensões ou incongruências parecem apontar para semelhante fim. O *fortunatus et ille* (“feliz também aquele”²⁵) cria a tensão expressiva necessária para que o destinatário – a instância sem rosto – seja persuadido pelas bem-aventuranças e pela tranquilidade da vida

²⁵ O *et ille* parece reforçar a felicidade advinda do conhecimento filosófico, epicurista (*felix qui potuit rerum cognoscere causas*), ao mesmo tempo que corrobora a felicidade advinda do campo. O problema que tem despertado atenção dos críticos nesses versos diz respeito ao paralelo da felicidade epicurista e a presença dos deuses agrestes. Ao que parece, esse paradoxo pode ser entendido como mais um desdobramento da expressividade poética. As *G.* marcam notavelmente a presença de Pã, Silvano e as Dríades no Livro 1, v. 11, 17 e 20.

campesina, longe das discórdias da vida citadina, das inquietações políticas e de seus sentimentos perturbadores.

*ipse dies agitat festos fususque per herbam,
ignis ubi in medio et socii cratera coronant,
te libans, Lenae, uocat pecorisque magistris
ueloci si aculi certamina ponit in ulmo,* 530
*corporaque agresti nudant praedura palaestra.
Hanc olim ueteres uitam coluere Sabini,
hanc Remus et frater; sic fortis Etruria creuit
scilicet et rerum facta est pulcherrima Roma
septemque una sibi muro circumdedit arces.* 535
*ante etiam sceptrum Dictaei regis et ante
impia quam caesis gens est epulata iuuencis,
aureus hanc uitam in terris Saturnus agebat;
necdum etiam audierant inflari classica, necdum
impositos duris crepitare incudibus enses.* 540
*Sed nos immensum spatiis confecimus aequor,
et iam tempus equum fumantia soluere colla.*

Ele próprio celebra os dias festivos e estendido pela relva, onde o fogo ao centro e os companheiros ornaram as taças, evoca a ti, Leneu, libando e com os mestres do rebanho propõe um concurso de velozes dardos num olmeiro, e despem os corpos robustos na luta agreste. 530
Outrora os antigos sabinos cultivaram esta vida, Remo e seu irmão; assim a Etrúria cresceu forte, assim também destas coisas Roma pulquerrima se fez, e para si cercou as sete colinas com um muro. 535
Antes ainda do trono do rei Diteu e antes de uma ímpia raça ter se banqueteadado com novilhos imolados, o áureo Saturno governava essa vida na terra; nem ainda ouviram as trombetas ser sopradas, nem ainda crepitar sobre as duras bigornas as espadas colocadas. 540
Mas nós percorremos umaimensidão de espaços, já é tempo de disjuntar os pescoços fumegantes dos cavalos.

Os versos finais do Livro são festivos: a relva, o fogo e a amizade conferem vivacidade à pintura final. Outro elemento igualmente vivaz é o vinho: as taças evocam a Leneu, a Baco. O poeta nos faz voltar ao início do Livro, aos versos 2, 4 e 7, como que formando uma grande moldura, novamente instigando os leitores a pensar que toda a linguagem didática parece também dramatizar os fenômenos naturais ou melhor colocar difusamente em cena a relação do homem com a natureza, com o campo. A rigor, foi nessa relação com a natureza que os povos itálicos se formaram; ela está na base ideológica da retomada da valorização da vida campesina.

Uma moldura mais específica parece se fechar no v. 536. Agora somos levados de volta ao v. 460. A idade de ouro (*aureus Saturnus*) retoma o tempo em que a justíssima terra oferecia o fácil alimento (*fundit humo facilem uictum iustissima tellus*) longe das armas discordes. Esse tempo foi anterior ao rei Dicteu – uma reminiscência ao crescimento de Júpiter no monte Dicte, em Creta –, anterior a uma geração criminosa de homens que precisam se banquetear com sacrifícios aos deuses. No período áureo, trombetas e bigornas não eram motivos de preocupação.

No jogo das incongruências, a relação entre poesia e epicurismo é mais um ponto de passagem na empreitada do nosso poeta. Faz-se mister uma retomada: do ponto de vista do *discipulus*, do endereçado, o agricultor e o patrono alternam as posições no centro do debate; do ponto de vista da matéria, o campo com suas ferramentas, com o trabalho que se impõe e com seus deuses dividem a felicidade com o princípios fundamentais da doutrina epicurista. Os sentimentos paradoxais como o pessimismo (o mundo caótico) do Livro 1 e o otimismo (mundo alegre e esperançoso) do Livro 2 formam um complexo cenário para as tensões. No entrecruzamento de figuras e de ideias reconhecidamente opostas, o que se sobressai é o jogo da linguagem, ou melhor, a expressividade poética, uma vez que o dizer poético não precisa ser um caminho desinteressadamente único e óbvio.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, Christine Perkell (1989, p. 8ss) trata detalhadamente imprecisões das *G.* a partir de um pressuposto essencialmente hermenêutico. As *G.* em si são tomadas por ambiguidades ou inconsistências, constitutivas da polissemia do próprio poema. O pressuposto da estudiosa problematiza qualquer tentativa de interpretar as *G.* unicamente como um manual agrícola. As inconsistências ou ambiguidades desestabilizam questões de método, técnica e gênero poético. Segundo Perkell (*op. cit.*, p. 18ss), as *G.* não poderiam ser entendidas adequadamente como poesia didática. O poema parece se mostrar como um outro tipo de poesia didática, algo como mais próximo de uma poesia dramática, trágica. As *G.* reproduzem movimentos que vão do conhecimento ao não conhecimento, do didático ao trágico. A linguagem simbólica da poesia parece ultrapassar a ciência. Nesse sentido, o poema como um todo poderia ser lido mais como uma complexa meditação sobre questões políticas, morais e éticas; e o Livro 2, em particular, traz o campo como uma espécie de palco. Numa síntese que reúne as ideias centrais da presente discussão: a natureza dramatiza a existência humana.

REFERÊNCIAS

- GLARE, P. G. W. (Ed.) *Oxford latin dictionary*. 2.ed. Oxford: Clarendon Press, 2012. [OLD]
- GRIMAL, P. Quelques aspects épicuriens des *Georgiques*. *Journal des savants*. n. 1-2, 1980, p. 51-66.
- HAGEN, H. *Scholiam Bernensia ad Vergili Bucolica atque Georgica*. Lipsiae: Teubner, 1867. [Schol.Bern.]
- HARDIE, P. *Virgil's Aeneid: cosmos and imperium*. Oxford: Clarendon Press, 1986.
- HENKEL, J. Vergil Talks Technique: Metapoetic Arboriculture in *Georgics 2*. *Vergilius*, v. 60, 2014, p. 33-66.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução em verso de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HOMERO. *Odisséia*. Tradução em verso de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HORNBLLOWER, S; SPAWFORTH, A.; EIDINOW, E. (Eds.). *The Oxford classical dictionary*. 4.ed. Oxford: University Press, 2012. [OCD]
- LUCRÉCIO. *Sobre a natureza das coisas*. Trad. Rodrigo Tadeu Gonçalves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- NAPPA, C. *Reading after Actium: Vergil's Georgics, Octavian and Rome*. Michigan: Ann Arbor, 2005.
- O'HARA, J. *True names: Vergil and the alexandrian tradition of etymological wordplay*. Ann Arbor, 1996.
- PERKELL, C. *The Poet's truth: a study of the poet in Virgil's Georgics*. Berkley/ Los Angeles/ London: University California Press, 1989.
- PERUTELLI, A. O texto como professor. In CAVALLO, G.; FEDELI, P.; GIARDINA, A. *O espaço literário da Roma Antiga*. Trad. Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010, p. 293-327.
- PUTNAM, M. *Virgil's poem of the earth: studies in the Georgics*. Princeton: University Press, 1979.
- QUINT, D. *Epic and empire: politics and generic form from Virgil to Milton*. Princeton: University Press, 1993.
- SKUTSCH, O. *The Annals of Quintus Ennius*. Edited with introduction and commentary. Oxford: Clarendon Press, 2003.
- SMITH, A. R. In uino civitas: The Rehabilitation of Bacchus in Vergil's *Georgics*. *Vergilius*, v. 53, 2007, p. 52-86.
- TALBERT, R. J. A.; BAGNALL, R. S. et al. (Eds.) *Barrington atlas of the Greek and Roman world*. Princeton: University Press, 2000.
- THOMAS, R. F. *Reading Virgil and his texts: studies in intertextuality*. Michigan: The University of Michigan Press, 1999.
- THOMAS, R. F. *Virgil and the Augustan reception*. Cambridge: University Press, 2004.
- THOMAS, R. F.; ZIOLKOWSKI, J. M. *The Virgil encyclopedia*. 3 vols. Blackwell: Wiley-Blackwell, 2014.
- THESAURUS LINGVAE LATINAE. Leipzig: Teubner, 1900 -. [TLL]
- TREVISAM, M. 'Procedimentos retóricos e construção dos sentidos nas *Laudes Italiae* de Varrão e Virgílio'. In ASSUNÇÃO, T. R.; FLORES-JUNIOR, O.; MARTINHO, M. *Ensaio de Retórica Antiga*. Belo Horizonte: Tessitura, 2010.
- THILO, G.; HAGEN, H. (Eds.). *Servii grammatici qui feruntur in Vergilii carmina commentarii*. 3 vols. Hildesheim: Olms, 1986.
- VERGILIUS. *Opera*. With a commentary by John CONINGTON, v. I, containing the *Eclogues* and *Georgics*. 4ª Ed., revised with corrected orthography and additional notes and essays by Henry NETTLESHIP. London: Whittaker & Co., 1881.

- VERGILIUS.*Aeneis*. Ed. Gian Biagio Conte. Teubner. Berlin: De Gruyter, 2005.
- VERGILIUS.*Bucolica et Georgica*. Eds. Silvia Ottaviano et Gian Biagio Conte. Teubner. Berlin: De Gruyter, 2011.
- VIRGIL.*The Eclogues & Georgics*. Ed. with introduction and notes by R. D. WILLIAMS. London: Bristol Classical Press, 2001.
- VIRGIL. *Aeneid 6: a commentary*. v. 2. By Nicholas HORSFALL. Berlin: De Gruyter, 2013.
- VIRGIL.*Georgics*. v. I (Books I-II). Cambridge Greek and Latin Classics. Text in Latin; commentary in English by R. F. THOMAS. Cambridge: University Press, 1990.
- VIRGIL.*Georgics*. Edited with a Commentary by R. A. B. MYNORS. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Recebido: 1/9/2022

Aceito: 5/9/2022

Publicado: 19/9/2022

Rev. est. class., Campinas, SP, v.22, p. 1-15, e022012, 2022